



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE TEATRO
LICENCIATURA EM TEATRO**

SIDNALDO LOPES DOS SANTOS

EU E CADA UM

Uma Troca de Experiências Entre Jovens Periféricos

Salvador
2021

SIDNALDO LOPES DOS SANTOS

EU E CADA UM

Uma Troca de Experiências Entre Jovens Periféricos

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de graduação em Licenciatura em Teatro da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para a obtenção de grau de Licenciado em Teatro.

Orientador: Professor Dr. Daniel Marques da Silva

Salvador
2021

SIDNALDO LOPES DOS SANTOS

EU E CADA UM

Uma Troca de Experiências Entre Jovens Periféricos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para
obtenção do grau de licenciado em Artes Cênicas, Escola de Teatro da
Universidade Federal da Bahia.

Banca Examinadora:

Daniel Marques da Silva

Doutor – PPGEAC – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes
Cênicas (Orientador)

Fabio Dall Galo

Doutor – PPGAC – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira

Doutora – PPGAC – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

*Aos que pretendem separar o teatro da política
pretendem conduzir-nos ao erro – e essa é uma
atitude política [...] Teatro é uma arma, uma arma
muito eficiente.*

(BOAL, Buenos Aires, 1974.)



Serviço Público Federal
Universidade Federal da Bahia
Escola de Teatro



Departamento de Técnicas do Espetáculo

Endereço: Rua Araújo Pinho, 292, 2º andar – CEP: 40.110-150 – Salvador – Bahia – Brasil
Telefone: 55 (71) 3283-7856 fax: 55 (71) 3283-7851 e-mail: tea03@ufba.br

Ata de Defesa Pública do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC Licenciatura em Teatro

No dia 08 de junho de 2021, às 13:00h, a Banca constituída pelos professores abaixo relacionados, reuniu-se para avaliar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: **Eu e cada um:** uma troca de experiências entre jovens periféricos; de autoria do aluno Sidnaldo Lopes dos Santos.

Aberta a sessão pelo presidente (orientador) da mesma, coube ao acadêmico, na forma regimental, apresentar o TCC, findo o que dentro do tempo regulamentar, foi questionado pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida deu as explicações que se faziam necessárias.

Observações da Banca:

A banca registra que todas as exigências para a redação de um Trabalho de Conclusão de Curso foram cumpridas pelo aluno Sidnaldo Lopes dos Santos, pelo que considera o referido Trabalho APROVADO.

Assinaturas

Orientador: Daniel Yasz de Jesus
Membro 1: Thaiana F. de Oliveira
Membro 2: Fabio Del Gallo
Acadêmico: SIDNALDO LOPES DOS SANTOS Matrícula nº: 201515023

Salvador, 08 de junho de 2021.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Eterno, pai de todas as coisas, que me deu força e sabedoria para sempre fazer as melhores escolhas em cada momento destes anos que estive na universidade. Agradeço também a minha mãe Cidilene e minha vó Maria da Conceição que por muitas vezes me ajudaram na estadia dentro da universidade.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Daniel Marques da Silva, que antes mesmo do meu ingresso no curso da licenciatura já fazia parte do meu caminho, e por ter aceitado o convite à orientação, pela paciência e pelas primeiras palavras.

Aos meus amigos que estão na minha vida a bastante tempo, em especial meus melhores amigos, Davi Souza, Kimberly Vilas Boas, Rodrigo Aguiar e Melissa Santos, que além de me apoiar sempre tiraram um tempo para prestigiar aos meus trabalhos.

Agradeço as amigadas que fiz no Curso Livre de Teatro da UFBA, meus primeiros passos dentro da ETUFBA, e que foram de suma importância para a escolha da licenciatura, em especial Jamile Cunha, Joice Paixão, Gessyca Geyza, Genário Neto e Victor Hugo Sá. Aos também amigos que fiz no âmbito da Escola de Teatro, em especial Guilherme Hunder, Larissa Libório, Sulivã Bispo e Queila Queiroz, pelos conselhos, parcerias e trabalhos em conjunto que muito acrescentou a minha jornada acadêmica.

Aos funcionários da Escola de Teatro, em especial Sr. Geraldo e Bira Freitas que tanto acolhe cada aluno que por ali passa com tanto carinho e afeto. A cada um dos meus professores, fundamentais a minha formação.

Agradeço a Profa. Dra. Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira, da FACED-UFBA, e ao Prof. Dr. Fabio Dal Gallo, da ETUFBA, por comporem a Banca Examinadora deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Um agradecimento especial aos meus alunos que confiaram em mim durante todo o processo da oficina Eu e Cada Um e que também fazem parte dessa pesquisa.

RESUMO

Trata-se de um trabalho sobre o processo criativo com jovens de comunidades periféricas de Salvador. A vivência surge a partir da oficina realizada no primeiro semestre do ano de 2019 dentro da disciplina Práticas de Estágio em Pedagogia do Teatro da Escola de Teatro da UFBA que integra o currículo do curso de Licenciatura em Teatro da mesma instituição. A fundamentação teórica permeia este trabalho a partir de teatrólogos como: Bertolt Brecht, Augusto Boal e Viola Spolin. Também compõem o escopo teórico desta pesquisa, Paulo Freire, com sua visão sobre metodologia de ensino e Jiddu Krishnamurti que trata do conceito de autoconhecimento.

Palavras chave: Teatro Político; Autoconhecimento; Comunidade; Memória.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
1.1 EU ANTES	08
1.2 INÍCIO DA PRIMEIRA ESTRADA	10
1.2.1 O GAPA	10
1.2.2 O CURSO LIVRE DE TEATRO DA UFBA	13
1.2.3 AUTORRETRATO	14
2. AS DIFICULDADES DE ACESSO AO FAZER TEATRAL NA PERIFERIA DE SALVADOR	16
2.1 AS DISTÂNCIAS DOS ESPAÇOS TEATRAIS	17
2.2 ESTRATÉGIAS E EXPERIÊNCIAS ENQUANTO LICENCIANDO EM TEATRO	19
2.2.1 PIBID	19
2.2.2 A ACADEMIA	21
2.2.3 EXPERIÊNCIA EM ESPAÇOS PARTICULARES	22
3. OFICINA EU E CADA UM	25
3.1 PROCESSO CRIATIVO	28
3.2 BALBÚRIDA	33
4. CONCLUSÃO: OUTRAS PERCEPÇÕES	39
5. REFERÊNCIAS	41
6. ANEXOS	43

1. INTRODUÇÃO

Foi por causa de memórias da minha infância e adolescência que trago o trabalho com jovens de comunidades da cidade de Salvador para a minha pesquisa de conclusão do curso de Licenciatura em Teatro na Universidade Federal da Bahia. A escolha de fazer um curso superior em teatro vem justamente dessa falta de oportunidades encontradas fora do miolo da cidade onde vivo e muitas vezes parecia impossível poder vivenciar aquilo que mais me fascinava, o teatro. Desde de que ingressei no teatro, mesmo antes da academia, eu via nos olhares de outros jovens, que assim como eu tinham essa vontade, a tristeza de não poder ter essa mesma oportunidade. Aquilo de alguma forma sempre mexia comigo, por já ter passado por aquele lugar de querer fazer e não poder por várias dificuldades.

Para desenvolver este trabalho utilizei da oportunidade de poder desenvolver uma oficina na disciplina Práticas de Estágio em Pedagogia do Teatro III como pesquisa de campo e de análise. A disciplina consiste em executar um estágio supervisionado de práxis pedagógica em teatro junto a grupos ou classes de rede oficial de ensino, grupos comunitários, organizações não governamentais ou grupos formados exclusivamente para a prática que foi a forma que escolhi, jovens que assim como eu são oriundos de comunidades periféricas e que tenham essa ânsia de estar no teatro e aperfeiçoar seus talentos natos. Junto a este desejo de trabalhar com os jovens do perfil citado acima vinha o querer de abordar temas políticos dentro do espaço cênico e a partir desse pensamento que consigo trazer como mais uma abordagem as políticas sociais que envolvem as nossas comunidades e para isso apresento de uma forma didática e após uma revisão bibliográfica, teóricos que conversem com os pensamentos que pretendo explicar.

Trago a teoria para a nossa prática por meio de Augusto Boal, que além de demonstrar através do Teatro do Oprimido que o teatro é sempre político, também nos oferece jogos possíveis de compreender não só o teatro, mas também a sociedade que muitas vezes se torna opressora e acabamos nem percebendo. Assim os “não atores” que faziam parte da oficina poderiam compreender com mais facilidade as analogias que eram possíveis projetar em cada dinâmica ofertada. Outra teatróloga muito utilizada por mim no desenvolvimento prático da oficina, que por mais que em certos pensamentos vá na contramão do Boal também tem a sua importância no entendimento teatral, foi Viola

Spolin, que traz dinâmicas importantes para a percepção da cena através de seus jogos teatrais de improvisação.

Dentro da minha pesquisa trago pensamentos de Jiddu Krishnamurti (1895 – 1986), filósofo, escritor e educador indiano que traz em suas ideologias e trabalhos além da espiritualidade a importância da autodisciplina e do autoconhecimento. Utilizo de seus escritos no livro *O Que Você Está Fazendo de Sua Vida* (2007), onde encontramos passagens selecionadas sobre grandes questões que nos afligem, como está escrito no subtítulo. Nesta pesquisa trago também Paulo Freire (1921-1997), patrono da educação brasileira, através dos seus estudos na Pedagogia do Oprimido e a Pedagogia da Autonomia, desta forma fazendo um comparativo entre o método horizontal de ensino e sobre as práticas da autonomia mediante conteúdo da oficina perante os participantes.

Através deste trabalho o meu leitor vai poder acompanhar passos que precedem uma prática teatral sociopolítica. O projeto foi pensado para motivar outros jovens a não deixarem o desejo teatral de lado, por mais que seja difícil mediante a sua realidade, mostrar, que sim, é possível fazer artes cênicas mesmo parecendo inviável socialmente e financeiramente e com isso responder a seguinte pergunta: *Como podemos trabalhar teatro utilizando temas da contemporaneidade juntos com jovens de periferia em uma oficina de estágio?* No primeiro capítulo, **Eu Antes**, relato o meu processo de descoberta pela licenciatura e como de forma orgânica o “eu” arte-educador surge sem nem mesmo muito esforço e de como este desejo toma conta de mim. No segundo capítulo, **As Dificuldades de Acesso ao Fazer Teatral Dentro da Periferia de Salvador**, trago as dificuldades de acesso à cultura quando moramos fora do centro da cidade de Salvador e relato as minhas experiências dentro da universidade para através de um planejamento mostrar possibilidades para outros jovens. No Terceiro capítulo, **Oficina Eu e Cada Um**, relato a minha perquirição prática com jovens de comunidades periféricas e a experiência envolvendo o ato do fazer junto a eles. Na conclusão **Outras Percepções** trago meus olhares e dificuldades sobre o fazer teatral que escolhi neste processo.

1.1 EU ANTES

Como na vida de qualquer jovem que sonha em entrar na universidade e várias possibilidades de curso perpassam por sua cabeça, também vivenciei este período de

dúvidas. Apesar de sempre pensar em fazer teatro, esta nunca foi a minha primeira opção como curso superior. Dentre algumas das prováveis escolhas estavam gastronomia, arqueologia, nutrição, cursos que perceptivelmente são totalmente o avesso da escolha que fiz, a licenciatura em teatro. Ainda devo declarar que esta não era nem a primeira opção dentro da área teatral.

Logo que saí do ensino médio, em 2012, tentei fazer o curso de bacharelado em teatro, na própria instituição em que estou hoje matriculado, fiz parte da prova de habilidades específicas e desisti no meio do caminho. Após este momento fui viver a vida de trabalhador, continuei no meu primeiro emprego e segui assim por dois anos, sem pensar em faculdade, mas a semente que foi semeada antes de tudo isso foi o que me fez não desistir da área teatral.

Ainda no ensino médio, através de um projeto da CONDER, Companhia de Desenvolvimento Urbano da Bahia, eu pude ter a minha primeira experiência com o teatro e propriamente dita. Esta se deu quando um arte educador, Francinei Nascimento e Jamile Alves atriz do Bando de Teatro Olodum¹, proporcionaram a mim e aos jovens da Massaranduba, bairro onde morávamos, a oportunidade de vivenciar uma oficina teatral, com o intuito de montar um espetáculo teatral de rua que apresentaríamos no próprio conjunto habitacional, administrado pela CONDER. Passado o tempo de oficina houve muitas evasões e acabou por não termos um elenco fixo e suficiente para a montagem, com isso se deu o cancelamento da primeira e única oficina que tive conhecimento oferecida na Massaranduba e a decorrente frustração disso.

Apesar da frustração do cancelamento, neste meio período do projeto, tive a oportunidade de ir ao teatro pela primeira vez. Assisti o espetáculo de dança, Da ponta da Língua a Ponta do Pé² no Festival Internacional Viva Dança do Teatro Vila Velha³. Outro acontecimento dentro do projeto da CONDER foi que Francinei Nascimento, em paralelo

¹ Criado no segundo semestre do ano de 1990 o Bando de Teatro Olodum traz em suas montagens a representação do cotidiano da população negra com foco no negro soteropolitano e/ou baiano. Entre seus principais integrantes estão Cassia Vale, Leno Sacramento, Rejane Maia e Valdinéia Soriano. Entre os principais trabalhos do grupo estão *Essa é nossa praia*, *Cabaré da Rrrrrrrraça* e *Ó pai ó*.

² Espetáculo do Núcleo VilaDança. Criado em 1998 pela coreógrafa Cristina Castro o Núcleo VilaDança é o primeiro grupo de dança residente no Teatro Vila Velha que foi gestado por um projeto anterior, também coordenado por Cristina Castro em colaboração com as dançarinas Rita Brandi e Selma França: o Bailavila.

³ Criado em 2007, em Salvador – BA, com o nome de Mês da Dança Vila, o VIVADANÇA começou como uma programação em comemoração ao mês da dança (abril), que acontecia com apresentação no Teatro Vila Velha.

à oficina realizada em Massaranduba, era coordenador de um projeto de teatro no GAPA-BA (Grupo de Apoio a Prevenção a AIDS da Bahia), o Plataforma Solidariedade e com o cancelamento do curso me chamou para fazer a seleção para este grupo. No primeiro momento não passei, por nervosismo, falta de experiência e etc, mas como o projeto todo ano se renovava no ano seguinte entrei no grupo e comecei entender com mais profundidade o universo teatral, além de só improvisações foi lá que fui apresentado a aulas técnicas e sobre a disciplina do ser ator.

1.2 INCÍO DA PRIMEIRA ESTRADA

4.1.3. O GAPA-BA

O GAPA-BA como o próprio nome diz é uma organização não governamental que trabalha a 35 anos com vários serviços voltados para a prevenção de IST's (Infecções Sexualmente Transmissíveis) e atendimento a pessoas que vivem com alguma dessas infecções, no setor jurídico e no setor educacional contribuindo com a desmistificação que permeia esse assunto. O projeto Plataforma Solidariedade fazia parte da área de educação. Um projeto que era patrocinado pela Petrobrás, que aconteceu durante 10 anos e que levava informações sobre prevenção através do teatro. O primeiro espetáculo que era apresentado em um caminhão palco que viajava a Bahia, e em momentos pontuais outros estados se chamava *A gente já disse tudo*, texto de Elísio Lopes Jr. No ano em que comecei a fazer parte do projeto o texto precisou ser alterado para o *Viaje na Prevenção* de Iara Villaça.



Figura 1: Grupo Plataforma Solidariedade, viagem para Madre de Deus, 2010.

Fonte: Facebook Plataforma Solidariedade

O projeto Plataforma Solidariedade foi o primeiro momento que eu me vejo sendo arte-educador, pois além de fazer as apresentações como ator e levar a informação através do texto dramático, quando as apresentações aconteciam dentro de escolas da rede pública junto a peça, nós, jovens íamos até as salas de aula para dar uma aula sobre prevenção de IST's e Gravidez na adolescência e dentro dessas aulas fazíamos dinâmicas para tornar a experiência mais lúdica e interessante.

É fato que parece estranho dizer que eu já era um arte-educador naquela época, com 16 anos de idade, mas foi na prática que aprendi a ser, mesmo antes de qualquer base acadêmica. Durante o processo de ensaio do espetáculo e preparação para essas viagens passamos por psicólogos, professores, biólogos, arte-educadores que escolheram a melhor forma para passar o conhecimento que precisávamos saber para estar naquele momento de sala de aula replicando o que havíamos aprendido na sede da ONG, então sim, estávamos preparados. Paulo Freire diz que “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado.” (FREIRE, 2020, p. 25.) Então por esta lógica freireana, creio que poderíamos passar o nosso conhecimento adiante e sim ser chamados de arte-educadores.

No projeto Plataforma Solidariedade passei três anos, uma formação para a vida, que nenhuma teoria poderia vai me dar, apenas acrescentar. Foi a partir dessa vivência que consegui distinguir e fazer a minha escolha perante a arte cênica como de fato uma área possível de mergulhar e vivenciar no universo acadêmico. É muito importante ressaltar que através do GAPA tive a primeira experiência de troca, de ensinar, que soma lá na frente ao desejo da escolha da licenciatura em teatro.

Apesar da convicção prévia sobre as artes cênicas, como já disse, não foi logo após o final do ensino médio ingressei na Escola de Teatro da UFBA. Por necessidades maiores troco os estudos por trabalho e neste momento há um “hiato” entre mim e as artes. Concluo o ensino médio em 2012, depois da formação ainda faço algumas participações no Plataforma Solidariedade como convidado e logo em seguida começo a trabalhar. Tento ingresso na escola de teatro, mas como não estava preparado não consigo adentrar e me frustro por isso me entregando de vez ao trabalho e esquecendo o teatro. Mas ainda na busca pela satisfação de estar no curso que desejava.

“Felicidade é derivativa, é um subproduto de alguma outra coisa. Então, antes de entregar a mente e o coração a algo que demande uma grande dose de dedicação, atenção, pensamento e cuidado, devemos descobrir o que é que estamos procurando, se é felicidade ou satisfação.”
(KRISHNAMURTI, 2007, p. 28.)

Inconscientemente essa busca pela felicidade ou pela satisfação me acompanhava dentro das empresas que trabalhei, seja em momentos de descontração ou em momentos que tínhamos para gincanas e concursos internos. Essa veia artística realmente sempre esteve enraizada dentro de mim. E foi a partir desses devaneios que resolvi recomeçar a minha busca pelo ser artista. Em 2014 decido que faria naquele ano o Curso Livre da Escola de Teatro da UFBA e dessa forma dou o primeiro passo para o ingresso na graduação. Até aquele momento meu desejo era o curso de Interpretação Teatral.

4.1.3. O CURSO LIVRE DE TEATRO DA UFBA

A princípio no ano de 2014 não haveria Curso Livre de Teatro⁴ por falta de orientador, mas, no segundo semestre Daniel Marques da Silva se tornou responsável pela edição. Durante o período que estivemos em formação e pré-montagem de espetáculo tive a oportunidade de ter contato com grupos de teatro de Salvador, podendo assim vivenciar experiências que não sabia, mas levaria para dentro de sala de aula, somando assim as minhas experiências já adquiridas no Plataforma Solidarietà.

Os Grupos que participaram do processo formativo daquela edição do Curso Livre foram: o grupo Finos Trapos⁵, que trouxe uma vivencia mais voltada para trabalho em grupo e musicalidade. A É: Companhia de Invenções Artísticas⁶ que trouxe algumas atividades voltadas para a musicalidade na cena e outras técnicas cênicas e A Outra Companhia de Teatro⁷ que trabalhou conosco algumas técnicas de teatro documentário, a linha de trabalho do grupo.

Todo trabalho em grupo já vivenciado até aqui gerou influências que me levaram a escolher a docência. Eu, jovem, negro e que venho de comunidade soteropolitana ao olhar pra trás e enxergar os meus e ter essa consciência de que de alguma forma a arte pode trazer benefícios sólidos para uma vida inteira, não tinha como, naquele momento, fazer outra escolha a não ser a licenciatura, para tentar retribuir e somar às minhas raízes. E foi como um veredito ter contato com os já estudantes da Licenciatura na Escola de Teatro, que, sendo monitores do curso, também faziam parte do processo e do elenco do XXIX Curso Livre de Teatro da UFBA. A decisão por lecionar e em paralelo a estes contatos contribuiu muito junto a uma oficina de estágio três que participei no mesmo período.

⁴ O Curso Livre de Teatro da UFBA é um projeto de extensão permanente da Escola de Teatro da UFBA proporcionando a comunidade noções técnicas fundamentais para o exercício do ator. Atualmente, devido a inviabilidades técnicas e estruturais, o curso não tem sido oferecido.

⁵ O grupo Finos Trapos surge em Vitória da Conquista – BA entre os anos de 2002 e 2003 e tem no seu repertório espetáculos conhecidos na cena teatral baiana como “O vento da Cruviana” (2014), “Ponta D’Areia Pedaco do Céu” (2018), “MÓS AI QUÊ” (2016). Entre seus atuais integrantes estão Frank Magalhães, Thiago Carvalho e Yoshi Aguiar.

⁶ É Companhia de Invenções Artísticas foi uma companhia de teatro sediada em Salvador, tinha como integrantes os artistas Deco Simões, Iara Villaça e Karina de Faria. Entre seus espetáculos de repertório estão MPB – Mulher Popular Brasileira e 2 de Julho Futebol Clube. O grupo encerrou suas atividades em 2014.

⁷ Criada em 2004 no Teatro Vila Velha A Outra Companhia de Teatro foi um grupo de teatro que desenvolveu diversas ações no setor criativo: pesquisa, criação, montagem e difusão de espetáculos alguns espetáculos do seu repertório são “O que de você ficou em mim” (2014), “Ruína de Anjos” (2015) e “Ultima Chamada” (2019). O grupo encerrou suas atividades no ano de 2019.



Figura 2: Espetáculo Eu Vim Aqui Pra Vadiar: Três Peças de Suassuna. Curso Livre de Teatro UFBA. Dezembro 2014.

Fonte: Arquivo Pessoal, fotografo Diney Araújo.

Logo que começo o processo de ingresso ao ensino superior, ainda com esse foco de ser aprovado e contribuir para minha comunidade, muitas coisas vinham em minha cabeça, uma delas era que na escola que estudei pouco tínhamos referente a arte, não sei se pelo fato de ser uma escola militar, mas conto nos dedos as vezes que tivemos a oportunidade de lidar com as artes cênicas como uma iniciativa de um professor. Outras coisas que vinham na minha cabeça é a deficiência dessa arte na comunidade em que morava já citada anteriormente aqui.

4.1.3. AUTORRETRATO

Antes mesmo do meu primeiro semestre no curso de licenciatura em teatro, na oficina ministrada por Marina Lua, também decorrente da disciplina Prática de Estágio em Pedagogia do Teatro III realizada nos meses de outubro e novembro de 2014 fui descobrindo a minha vontade do caminho a seguir dentro da universidade. A oficina em sí foi nomeada de *AUTORRETRATO*. Nesta, fui provocado a redescobrir em minha memória e pude constatar quanta vontade tinha no fazer teatral, ao mesmo tempo que também constatei a ausência do teatro em minha própria história. Foi naquele momento

que cresceu em mim o desejo de atuar, e mais que isso, repassar o que poderia ser aprendido, repassar para aqueles que assim como eu não tiveram a oportunidade de vivenciar o teatro na infância ou adolescência.

Até o momento que precedeu a oficina *AUTORRETRATO* da agora licenciada Marina Lua, o meu desejo era entrar na Escola de Teatro da UFBA e cursar o bacharelado em teatro. Contudo, após todo o envolvimento sensorial e de autoconhecimento, percebi que o meu lugar era de devolver para os meus aquilo que me foi ensinado e a partir disso começa a se tornar desejo dentro da minha memória realizar a oficina *Eu e Cada Um*, esta que só viria a ter este nome quatro anos depois, com a sua idealização. E assim, focando na mudança nesses objetivos que entro no curso da licenciatura em teatro.



Figura 3: Jovens da Oficina AUTORRETRATO de Marina Lua

Fonte: Facebook Marina Lua.

2. AS DIFICULDADES DE ACESSO AO FAZER TEATRAL NA PERIFERIA DE SALVADOR.

Salvador é uma cidade brasileira que foi a primeira capital do Brasil – entre os anos de 1549 e 1763⁸ – e até os dias de hoje, por mais que haja diversas mudanças, ainda temos estruturalmente uma capital que diverge socialmente em sua estrutura. São cento de setenta bairros dos quais mais de 90% são considerados comunidades periféricas, com infraestrutura para ser considerado bairro, mas muitas vezes com locais sem muito saneamento básico e estruturas adequadas para se morar.

A princípio podemos citar a divisão da cidade entre alta e baixa. Apesar de haver a mistura das classes em ambas as partes da cidade é notável que a maior parte das pessoas de poder aquisitivo menor mora no que chamamos de parte baixa da cidade. A partir disso podemos perceber que na parte alta da cidade teremos grandes centros, comércio de qualidade e etc e na cidade baixa comércios menores e mais baratos, voltado claramente para uma sociedade com condições menores. Vale novamente ressaltar que apesar de toda essa percepção, as coisas vêm mudando quando nos referimos a comércio, cada vez mais lojas e outros tipos de empreendimentos tem chegado nesta parte da cidade e de uma forma rápida e avassaladora. Antes não tínhamos condições de comprar, hoje nos vemos como a grande massa consumidora desses varejos. Mas me vem uma pergunta, e os centros culturais? E os teatros? Por que na cidade de Salvador eles continuam em sua maioria nos centros localizados na parte alta da cidade?

Dentro da cidade de Salvador existem quatro centros culturais voltado para o teatro e administrados pela secretaria de cultura de estado da Bahia. Eles estão localizados nos bairros de Brotas, Barris, Plataforma e Alagados, estes são centros culturais menos centralizados geograficamente e que atendem outras áreas que não o miolo central da capital baiana. Dentro destes centros culturais em funcionamento temos atividades básicas voltadas e muitas vezes pensadas pela própria comunidade e em outros momentos existem editais que contemplam grupos e artistas independentes para apresentarem nesses teatros, fomentando assim, mesmo que de

⁸ <https://escola.britannica.com.br/artigo/salvador/483539>

forma minúscula, o funcionamento e a disseminação das artes cênicas nessas periferias.

A partir do meu ponto de vista enquanto cidadão, periférico e utilizador destes espaços, é que mesmo acontecendo atividades para a comunidade o desejo da população em utilizar esses espaços é muito maior do que a possibilidade que nos dão, ou seja, além das atividades não terem uma divulgação estratégica, grupos de dança, teatro e outros que nascem dentro da comunidade não tem fácil acesso para se apresentarem, fazendo assim com que cada vez mais tenhamos menos interessados em praticar a arte dentro do seu bairro.

Pensando de uma forma lógica, se você tem uma oportunidade cortada dentro da sua própria comunidade, qual a probabilidade de você sair e procurar formas de artes fora dele, já que além das dificuldades de transporte e acesso temos ainda a dificuldade de pagar por cursos oferecidos nos centro da cidade? Essas oportunidades não permeiam por quem mora na periferia com facilidade, porém, é muito importante mais meios de acesso a esses espaços por pessoas oriundas de periferias para que dessa forma possamos pelo menos ter a possibilidade que querer sermos artistas.

2.2 AS DISTÂNCIAS DOS ESPAÇOS TEATRAIS

Foi a partir dessas análises e pensamentos que entro na faculdade de licenciatura em teatro, com o intuito de levar para os meus semelhantes a oportunidade de vivenciar a arte, mais precisamente, o teatro. Foco todo o meu curso neste propósito, pensar em ainda dentro do curso levar o teatro para dentro da comunidade periférica de Salvador. E foi daí que foi surgindo a ideia de se pensar a oficina Eu e Cada Um ou um projeto que envolvesse a comunidade ou parte dela.

Para ajudar a explicar melhor sobre as dificuldades de acesso e a necessidade do envolvimento do teatro com jovens que moram longe dos grandes centros, mostro abaixo uma tabela com informações dos espaços públicos mais próximos da casa de cada integrante da oficina proposta no terceiro estágio e que uso como objeto de estudo neste trabalho. A partir desta tabela é possível perceber também que há interesse por parte dos participantes, uma vez eles que eles se deslocaram para a minha oficina, mas que em outros momentos ou oportunidades provavelmente possa soar

difícil estar em um trabalho contínuo uma vez que a distância e os valores a serem pagos são fatores que atrapalham.

TABELA ENDEREÇO JOVENS OFICINA EU E CADA UM			
Endereço	Espaço mais próximo	Distância para a o Centro Cultural	Distância para a oficina Eu e Cada Um
Rua Nossa Senhora da Conceição – Plataforma	Centro Cultural Plataforma	3,2 KM	18,0 KM
Mussurunga I – Setor H	Centro Cultural Alagados	20,0 KM	22,0 KM
Rua Almir Nascimento – Beirú-Trancredo Neves	Centro Cultural Alagados	12,0 KM	14,0 KM
Rua Arlene da Cruz Sales – Jardim das Margaridas	Centro Cultural Alagados	24,0 KM	26,0 KM
Conjunto Cabula VI, Acesso II – Cabula VI	Cine Teatro Solar Boa Vista	14,0 KM	15,0 KM
Rua Martin Francisco – Garcia	Espaço Xisto Bahia	3,6 KM	1,9 KM
Rua Santo Agostinho – Matatu de Brotas	Cine Teatro Solar Boa Vista	2,6 KM	5,5 KM
Rua Souza Uzel – Federação	Espaço Xisto Bahia	2,3 K,M	2,0 KM

Quadro 1: Tabela com endereço dos jovens da oficina Eu e Cada Um e distância até espaço cultural

Fonte: Organizada por Sidnaldo Lopes

A partir da tabela acima podemos perceber que na localidade que os jovens que fizeram parte da Oficina Eu e Cada Um para chegar em um Centro Cultural na cidade de Salvador mais próximo de sua residência tem que se deslocar por mais de dois quilômetros para ter acesso a cultura de forma gratuita⁹. Muitas vezes, mesmo tendo

⁹ Dados obtidos a partir de informações da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia e Endereço dos participantes da Oficina Eu e Cada Um no ano de 2019.

esses centros culturais, por falta de estrutura, estes mesmos espaços não dão acesso a cursos, por inviabilização financeira do próprio estado, ou seja, conseguir fazer uma atividade cultural é muito mais longe do que o mostrado acima que foi o caso dos jovens que fizeram a Eu e Cada Um.

Posso considerar que esses oito jovens que tiveram contado com a oficina ministrada por mim no terceiro estágio são espelho de muitos outros jovens que moram na mesma comunidade ou comunidades vizinhas e quando digo outros me incluo, porque como já citado em outro momento deste trabalho estive no lugar deles por bastante tempo. Por isso sei que, muitas vezes, o desejo é maior do que a realidade. Talvez por este motivo desenvolvo todos os meus trabalhos do momento que entro na Escola de Teatro da UFBA até o presente pensando em como posso levar para outros como eu o conhecimento que adquiri dentro da academia e desta forma transformar esses desejos em prazeres para os jovens.

2.2 ESTRATÉGIAS E EXPERIÊNCIAS ENQUANTO LICENCIANDO EM TEATRO.

2.2.1 PIBID

O PIBID, Programa de Iniciação à Docência é para muitos estudantes da licenciatura um dos primeiros contatos com a sala de aula, pois a partir do segundo semestre do curso o estudante já pode ingressar no programa. Dentro do curso de licenciatura e para ministrar uma aula de teatro o programa foi a minha primeira experiência, mas já trago experiências como arte educador em outros projetos como já citei neste trabalho.

Durante os meus dois anos e oito meses de iniciação à docência entre os anos de 2015 e 2018 eu passei por cinco escolas da rede pública, adquirindo assim diversas experiências e maneiras de lidar com o teatro em sala de aula, tanto observando a condução dos professores supervisores ou através de seus auxílios para aplicações de dinâmicas dentro do ambiente escolar. O universo da sala de aula é muito complexo e único, primeiro porque a cada sala que você entra são pessoas diferentes e por mais que seja a mesma dinâmica é outra maneira de aceitação. Outro fator que influencia

bastante na condução é a faixa etária, então para você trazer o seu planejamento é muito importante saber a idade e a série dos estudantes para que assim você consiga alcançar de forma mais fluida os seus objetivos enquanto professor.

Utilizei o espaço do PIBID como um espaço de experimentação, respeitando sempre o planejamento do professor titular e o cronograma da escola, porém, sempre adequando as atividades que eu precisava experienciar na prática ao conteúdo programado para as aulas. Algumas dinâmicas precisaram ser adaptadas e outras acabaram não funcionando, mas no geral foi um espaço importante pois aproveitar este espaço que eu tinha um auxílio do supervisor para experimentar foi interessante para entender o que realmente funciona e o que não funciona, tanto na didática de como lidar com o outro, como nas atividades teatrais.

Dois projetos que tive a oportunidade de conhecer dentro do programa e que transbordam a sala de aula foram significativos para mim. O primeiro, conhecido em 2017 é o Black Dance, um grupo de dança teatro do Colégio Estadual Elisabeth Chaves Veloso e fica localizado no bairro do Cabula VI e é supervisionado pela professora adjunta Francine Costa. O Black Dance é um projeto que começa como um trabalho da própria disciplina, mas atualmente caminha com as próprias pernas e proporciona aos alunos e a própria comunidade do Cabula VI o contato com o teatro e faz com que outros jovens tenham interesse pela arte.

Já o outro projeto que conheci através da iniciação à docência foi o Negrificar, um projeto que acontece em comemoração ao novembro negro no Colégio Dom Avelar Brandão Vilela, sob supervisão da professora de teatro adjunta Camila Bonifácio no ano de 2018. O projeto consiste em apresentações com temas pré-escolhidos com personalidades negras, que pode ser desde o senhor que vende bala no bairro a Malcom X¹⁰.

Trago esses dois exemplos de projetos que tive conhecimento através do PIBID pois são exemplos claros de como trabalhos artísticos atravessam a comunidade. Enquanto no primeiro, pessoas da comunidade próxima ao Colégio se encantam com

¹⁰ Nascido em Omaha Malcolm X foi um dos maiores defensores do nacionalismo negro nos Estados Unidos, passou por diversas transformações ao longo da vida, entre elas a conversão ao grupo político e religioso Nação do Islã. Seu nome de batismo é Malcolm Little, substitui o Little por X ainda na prisão simbolizando o desconhecimento de seu sobrenome ancestral verdadeiro. Fonte: <http://revistagalileu.globo.com/sociedade/Historia/noticia/2020/07/quem-foi-malcolm-x-uma-das-maiores-influencias-do-movimento-black-power.html>

a dança teatro proposto pelos alunos no segundo os ex-alunos da escola, que também fizeram parte do projeto enquanto estudantes voltam para assistir as apresentações dos anos seguintes. Isso acontece não só nessas ocasiões, o movimento artístico dentro e fora da escola afeta positivamente o ambiente. É o que traz Wellington Menegaz em seu livro *Teatro com Adolescentes: dentro e fora da escola*.

Um Bairro de periferia considerado, por muitas pessoas de Uberlândia como sendo um dos bairros mais violentos do município, tem uma escola sem sinal de depredação e pichação. (MENEGAZ, 2016, p. 60.)

2.2.2 A ACADEMIA

A Licenciatura em Teatro da UFBA, como todo curso superior no país, é normatizada por Leis, Parâmetros Curriculares Nacionais, programas, ementas de disciplinas, etc., mas oferece possibilidades para, dentro desta regulamentação padrão, o estudante desenvolver seus desejos e aptidões e de exercer escolhas pessoais. Por isso utilizei o meu curso além de um lugar para conhecimentos ofertados pela academia, um lugar de experimentações para os meus desejos pessoais.

Transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. (FREIRE, 2020, p. 34.)

Ao participar de disciplinas práticas e até mesmo a partir das teóricas a ideia sempre foi ligar os ensinamentos daquelas aulas às minhas vivências de vida, para que dessa forma eu pudesse trazê-los em outros momentos, como por exemplo, na minha oficina. Fazer essas comparações ou analogias durante o processo de aprendizado, facilitou bastante no momento de replicar essa informação nos momentos em que estive

a frente de uma turma e acredito que também tenha sido de fácil entendimento para os participantes.

2.2.3 EXPERIÊNCIAS EM ESPAÇOS PARTICULARES

Das experiências que tive em sala de aula ou em oficina, a que eu posso dizer que menos contribuiu para este meu desejo de focar sempre no teatro para a comunidade foi os trabalhos em oficinas particulares, mas, ainda assim, apresentaram a sua importância em minha formação. Foram experiências que me proporcionaram um ambiente novo e que até o momento em que as vivenciei não almejava com tanta vontade.

Nesses ambientes particulares muitas vezes você não tem muito a oportunidade de criação desde o início, geralmente entramos como uma substituição e no meio de algum processo fazendo com que entremos de forma rápida, direta e focado em um resultado final já proposto. Das experiências que tive nestes espaços duas me chamaram muito atenção. A experiência com o grupo Teatro Griô¹¹ e com o grupo Cor de Teatro.

O grupo Teatro Griô é sediado em Salvador e além de espetáculos proporcionam ao público infantil oficinas dentro de escolas e no próprio espaço no bairro do Rio Vermelho. Com este grupo a minha vivência foi com oficinas para crianças no Colégio Antônio Vieira entre os anos de 2015 e 2018. Nessas oficinas trabalhávamos sempre com improvisações e jogos sempre voltados para a contação de História. Ao final de cada ano fazíamos uma montagem baseado nos estímulos dessas improvisações e apresentávamos para os pais dos alunos matriculados no teatro da própria escola.

¹¹ Grupo Artístico com 22 anos de estrada, que se inspira na tradição oral, arte de narrar histórias, no Circo-teatro e na Cultura da Infância.



Figura 4: Oficina para Crianças Teatro Griô Colégio Antônio Vieira

Fonte: Arquivo Pessoal

Já a experiência no grupo Cor de Teatro no ano de 2020 foi menos rígida, apesar de ter que seguir uma linha de pensamento pois entrei como uma substituição, a forma de lidar com o grupo parecia mais com a minha linha de pensamento e dentro da programação trabalhávamos técnicas do Teatro do Oprimido de Augusto Boal presentes em minha pesquisa e formação teatral. Apesar da substituição estávamos no início do processo, então consegui moldar o trabalho ao meu jeito de teatralizar o espaço. No grupo Cor de Teatro Trabalhei com a turma de Jovens adultos.



Figura 5: Grupo Cor de Teatro turma jovens adultos

Fonte: Arquivo Pessoal

Ponto essas duas experiências como importantes para minha formação pois como já disse acima, tudo é sempre válido quando você está em formação. Você acrescentar a sua vivência é importante para o autoconhecimento enquanto profissional. Enquanto no grupo Teatro Griô tive a oportunidade de vivenciar um novo espaço com a contação de história na prática, desde a sala de aula até o palco, no grupo Cor de Teatro tive a oportunidade de colocar os meus desejos em práticas com um grupo diferente do que já tive contato até então, então tudo soma a minha profissionalização como professor de teatro.

As experiências relatadas neste capítulo foram importantes para o desenvolvimento da minha oficina Eu e Cada Um, ou, no caso da última experiência relatada a minha oficina foi importante para a relação com os jovens. Cada relato deste contribuiu de uma forma para o êxito do projeto e a partir de anotações e memórias levei toda essa experiência para a sala de aula que eu seria o único professor a conduzir, criando assim um objeto cem por cento desenvolvido por mim, mas feito

por várias mãos. Conseguindo assim mostrar na prática que apesar das dificuldades é possível desenvolver um processo de qualidade para jovens periféricos.

3. A OFICINA EU E CADA UM

Durante todo o processo de aprendizado dentro da academia, principalmente nas disciplinas práticas, eu, já sabendo o rumo que queria trilhar na universidade, optei por exercitar/experimentar atividades que poderia vir a utilizar com mais confiança com os futuros jovens na oficina que desenvolvi na disciplina Práticas de Estágio em Pedagogia do Teatro III em toda e qualquer atividade que eu tivesse a oportunidade. Ao longo da minha jornada acadêmica, dentro da universidade foram surgindo editais universitários propostos pela PROEXT (Pró-Reitoria de Extensão), e em 2018 o primeiro indício prático da oficina surgia, inscrever um projeto envolvendo diversas comunidades de Salvador para a realização de uma oficina para jovens periféricos.

A oficina que seria proposta neste edital teria um formato bem maior do que foi a oficina que realizei em 2019, mas como foi requisito parcial para aprovação na disciplina de práticas de estágio não pôde tomar a dimensão que seria se realizada no edital da Pró-Reitoria. O projeto pensado avançaria no seguinte formato a realização de cinco oficinas simultâneas em comunidades soteropolitanas diferentes. Cada uma dessas oficinas seria realizada com 10 jovens de até 25 anos, em um espaço cedido e acordado previamente com a comunidade, e a partir disso seriam realizados x encontros. Cada oficina resultaria em uma mostra final a ser realizada no próprio espaço em que foi feito todo o processo. Com esta estrutura seria possível atingir o público alvo da proposta, os próprios moradores do bairro onde a oficina fora ministrada.

A primeira oficina, que aqui chamo de *Oficina5*, aconteceria simultaneamente em cinco bairros da capital baiana com cinco grupos de jovens diferentes. Cada *Oficina5* trataria dos assuntos políticos sociais singulares aquela comunidade que estaria recebendo o projeto. Após todo o período de realização da *Oficina5*, dois jovens, de cada grupo dessas cinco oficinas simultâneas, seguiriam para uma nova oficina, que seria a oficina *EU E CADA UM*, vinculada a disciplina de práticas de estágio III. Dentro desta nova

oficina traríamos como provocação os diversos problemas encontrados na *Oficina5* para a partir disso criar um novo enredo para trabalharmos em um novo resultado cênico.

Porém, nada disso saiu do papel, ou sequer do meu desejo, além de dificuldades pessoais que me encontrei no ano em que o projeto seria desenvolvido, não me sentia ainda preparado para tamanha responsabilidade, além de achar que o próprio projeto não estava bem estruturado.

Com o desejo e o projeto sonhado, embora não realizado, segui minha formação, dando especial atenção as experimentações vindas das disciplinas práticas do curso, até que chegou a hora do tão esperado terceiro estágio. A disciplina foi conduzida pelo professor Fábio Dal Gallo. Fiz, então, uma proposição que, embora não abraçasse a proposta idealizada anteriormente, oficinas preparatórias com jovens oriundos de bairros periféricos de Salvador, pudesse ter este mesmo caráter. Assim, foi feita uma convocatória por meio de um cartaz virtual, divulgado em redes sociais e aplicativos de conversas, com o objetivo de compor a oficina com uma grande diversidade de jovens de várias partes da cidade.

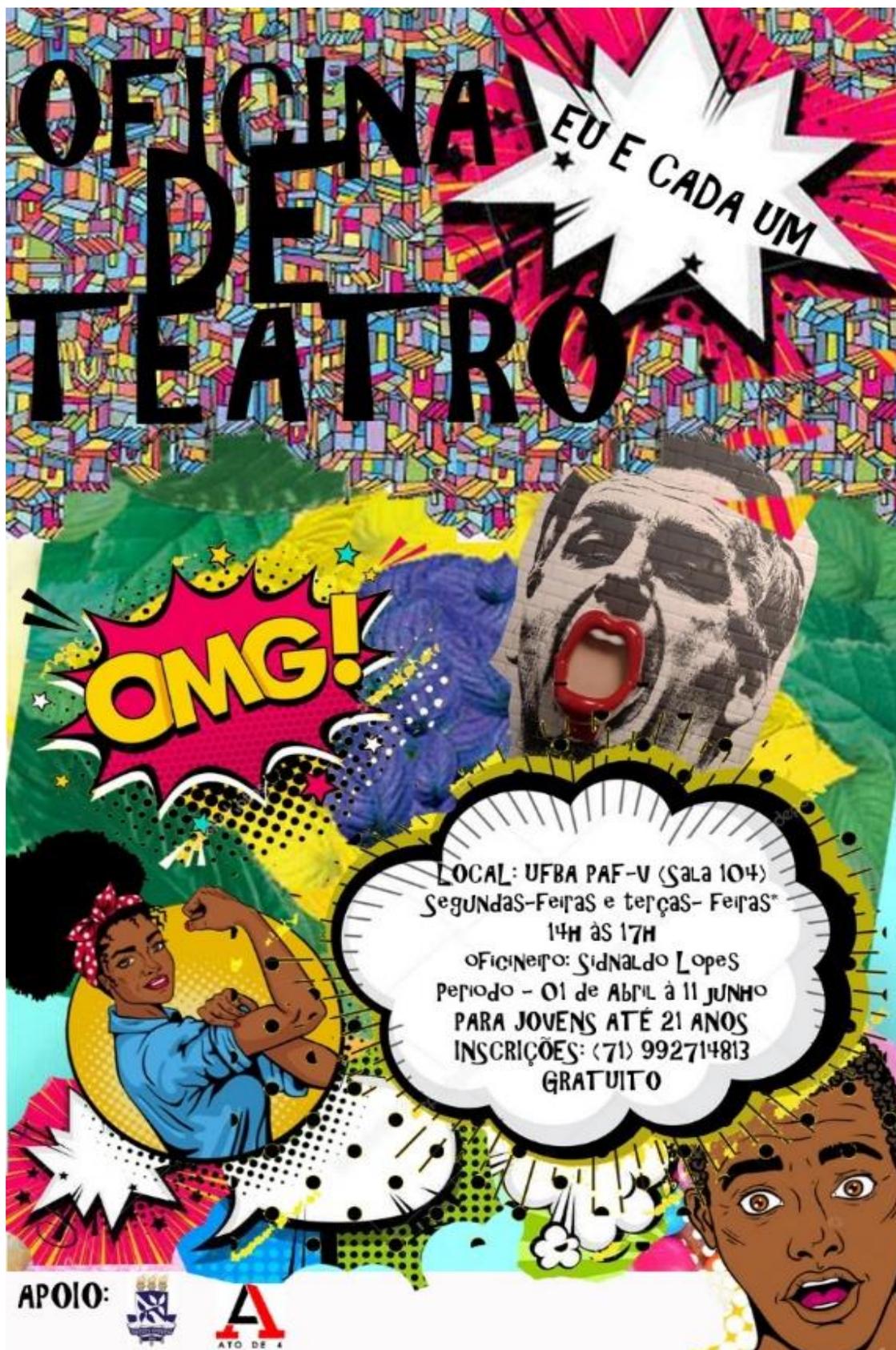


Figura 6: Cartaz para divulgação da Oficina Eu e Cada Um

Fonte: Acervo Pessoal. Cartaz divulgado através de whatsapp, instagram e Facebook

3.1 PROCESSO CRIATIVO

Desde a divulgação da oficina já era claro para quem se interessasse que esta teria um viés político e de certa forma identitária. Esta proposta já estava perceptível no citado cartaz, que se utilizava de elementos do pop art¹². Em menos de 24 horas todas as 12 vagas oferecidas foram preenchidas. As atividades foram realizadas às segundas e terças-feiras, durante o período de três meses na sala 104 e 107 do PAF-V da UFBA, em Ondina, entre 01 de Abril e 11 de Junho do ano de 2019.

Como de praxe, no primeiro dia de aula já percebi, e já esperava que alguns inscritos não comparecessem, e após um período convoquei os suplentes que aguardavam ansiosamente e iniciar de fato os trabalhos voltados para o viés da oficina. Passado este período foram presenças garantidas nas primeiras três aulas seis jovens com isso convoquei mais dois que estavam na suplência e aceitei trabalhar com oito pessoas de 18 a 25 anos, ou seja, além de não alcançar o número pensado no início também ampliei a faixa etária e formamos este grupo.

Logo depois da primeira semana de aula, de apresentação e conversa para sondar os participantes apresentei a eles o diário de bordo. Nas minhas vivências participando de oficinas e até mesmo em algumas disciplinas praticas na universidade a presença do diário de bordo foi essencial, tanto para a descrição dos acontecidos durante o processo, como também para lembrar atividades que fiz em determinado espaço e gostaria de reproduzir posteriormente. Neste processo, por exemplo, utilizei de vários diários de bordo para propor dinâmicas de grupo para os participantes da minha oficina, “Justamente porque o diário traduz a experiência pré-reflexiva da pesquisa, é que podemos chama-lo de ‘Ferramenta Fenomenológica’.” (MACHADO, 2002, p. 02.) Assim, depois de apresentado o diário de bordo para o grupo, combinamos que cada um levaria um dia para casa para relatar o acontecido durante o processo, desta forma todos teriam a oportunidade de escrever sobre a experiência e saber na prática como funciona este formato de relatório diário.

¹² Movimento artístico surgido nos Estados Unidos e na Inglaterra empregado no Brasil nos anos 1960, durante o período da ditadura civil-militar como forma de expressão do descontentamento com a cena política daquela época. Informação disponível no endereço eletrônico <www.históriadasartes.com/nomundo/arte-seculo-20/pop-art/>



Figura 7: Participantes da Oficina *Eu e Cada Um*

Fonte: Acervo pessoal

Para o trabalho que eu, enquantoicineiro, pensava desenvolver com os participantes, era necessário que se criasse, a partir de dinâmicas teatrais, vínculos de afeto. Pensando nisso começo a colocar em prática atividades que aproximassem eles, já que poucos deles se conheciam antes do início do processo. Ainda com o pensamento de troca entre eles e eu, procurei em meu acervo pessoal jogos que realizei em outros espaços como participante, seja eles oficinas independentes ou em disciplinas ligadas à minha formação. Muitas dessas dinâmicas, propostas em outros espaços de aprendizado, utilizavam jogos que primeiramente foram propostos por Viola Spolin¹³ e Augusto Boal¹⁴, além de alguns que não necessariamente estejam teorizados em algum livro, mas sim que surge a partir de experiências dosicineiros a frente daquele determinado grupo.

Uma das primeiras que realizei com os jovens da oficina *Eu e Cada Um*, mais de uma vez por sinal, foi a que utilizamos para exercitar a memorização do nome do outro,

¹³ Diretora teatral estadunidense matriarca do teatro improvisacional, tem como algumas de suas obras *O fichário de Viola Spolin*, *Jogos Teatrais na sala de aula: um manual para o professor* e *Improvisação para o Teatro*.

¹⁴ Augusto Boal foi um diretor e dramaturgo brasileiro, conhecido internacionalmente através de sua criação, o teatro do oprimido, metodologia que coloca a arte a serviço da inclusão social. Entre suas principais obras estão *O teatro do Oprimido*, *Jogos para atores e não atores* e *O Arco-Íris do Desejo*.

importante para seguir em uma atividade em grupo, que chamo de ‘‘SOBRENOME FRUTA’’. A dinâmica consiste em fazer um grande círculo com todos os participantes da oficina e um de cada vez vai ao centro e com um movimento corporal caricato diz o primeiro nome, social ou de batismo, junto com uma fruta de sua escolha, neste processo pedi para que a fruta escolhida fosse a que mais a pessoa gostava, depois da apresentação todos repetiam o nome e o sobrenome fruta junto com o gesto feito pelo participante, após isso por livre e espontânea vontade outro integrante ia ao meio e seguia a dinâmica até finalizar. Essa dinâmica eu aprendi em uma oficina com Karina de Farias quando fazia parte do grupo Plataforma Solidariedade e essa minha experiência com ela foi totalmente proveitosa no quesito lembrança dos nomes dos outros integrantes.

O segundo dia pude sentir a turma mais interagida, principalmente na dinâmica quando estávamos em dupla, pude perceber a interação e confiança que está sendo construída no meio de nós... (Citação do diário de Bordo Oficina *Eu e Cada Um*)

Ainda estimulando o contato, o afeto pelo outro e a confiança, fatores que considero importantes para um processo teatral rápido e direto como esta oficina, comecei a quinta aula com a seguinte frase ‘‘*Ficará combinado que o que acontecer aqui nesta sala no dia de hoje ficará aqui.*’’. E com esse acordo comecei uma série de dinâmicas sensoriais e delicadas. A primeira delas foi a dinâmica da autovalorização, com os olhos fechados todos deveriam focar seus pensamentos em alguém de grande importância na sua vida. Depois de um tempo pensando nesta pessoa, eu, provocador da atividade, solicitava que estes abrissem os olhos e passava por eles com uma caixa que tinha um conteúdo secreto. Então, a caixa era dada a cada um dos participantes, com a seguinte frase *Aqui dentro está aquele (a) que deveria ser a pessoa mais importante de sua vida*, ao abrir a caixa se deparavam com um espelho.

Outra atividade desenvolvida neste dia foi a chamada de Afeto ao Outro. Com os participantes dispostos em roda estes eram estimulados a olhar para o colega ao seu lado. Então, deveriam demonstrar um gesto de afeto para o colega: um abraço, um aperto de mão, um beijo. Esta última atividade relatada foi retirada da oficina realizada com A Outra Companhia de teatro, em 2014, durante minha participação já relatada no XXIX Curso Livre da Escola de Teatro.

Também com A Outra, mas em 2015, numa oficina de teatro documentário proposta pelo grupo, aprendi a última atividade que desenvolvi neste dia. A dinâmica consiste em relatar para todos da sala uma angustia, um desafio ou algo que te perturbe emocionalmente. Esta atividade era realizada com a luz em penumbra. Os participantes, então, eram estimulados a relatar o que lhes viera à memória a partir da provocação. Devido a uma demora dos participantes em começar seus depoimentos, tomei parte da dinâmica e fiz meu relato pessoal. A partir deste estímulo a dinâmica fluiu. Neste dia tivemos momentos de choro por vontade deles mesmos afeto entre um e outro. Pelo nosso acordo citado no início deste relato não tenho autorização nem mídias sobre este dia, mas o que posso dizer é que a partir daí tivemos uma virada em nossas relações sendo notável a confiança que só crescia e o afeto que nascia de um para o outro.

Passando os primeiros momentos da criação do afeto, era de minha responsabilidade lembrar dos fatores importantes que regiam a oficina. Por se tratar de uma disciplina semestral nós tínhamos prazos e datas exatas de acontecimentos, como as datas da mostra cênica que realizaríamos no Teatro Martim Gonçalves, mas que até este momento do processo não sabíamos o caminho exato a ser seguido. A partir daí começamos a aprofundar nos assuntos que gostaria de trazer para a oficina.

Como de fato a ideia era trazer a vivência teatral para jovens que tinham este desejo, mas que com a dificuldade acabaram se distanciando do seu querer começamos a dividir a oficina em momentos práticos e teóricos para que assim pudessemos avançar e todos estivessem em equidade perante as atividades. Logo que começamos explanei sobre o real assunto que trataríamos naquele espaço teatral e conversamos sobre as poéticas brechtianas e sobre o Teatro do Oprimido.

É de suma importância ressaltar nessa pesquisa que desde o processo de planejamento da oficina optei por uma pedagogia horizontal, procurando sempre estar no mesmo nível deles, trazendo conhecimento acerca dos ensinamentos teatrais, mas também aberto a aprender com o que foi trazido por eles. Paulo Freire (1921-1997) traz essa forma de pedagogia através dos seus estudos sobre a Pedagogia do Oprimido onde ele afirma que pensar no diálogo é um fator fundamental para essa prática da liberdade.

Para esta concepção como prática da liberdade, a sua dialogicidade começa, não quando o educador-educando se encontra com os educandos-educadores em uma situação pedagógica, mas antes, quando aquele se pergunta em torno do que vai dialogar com eles. (FREIRE, 2020, p. 115.)

Durante o período de um mês e meio desenvolvemos atividades e dinâmicas que geralmente utilizamos com iniciantes no teatro, mas ao mesmo tempo procurando trazer referências a temática da oficina. Além disso desenvolvi práticas que auxiliaram na desenvoltura cênica e percepção de espaço através dos jogos propostos por Viola Spolin e Augusto Boal¹⁵.

¹⁵ Em anexo está inserido o projeto apresentado na disciplina Práticas de estágio em Pedagogia do Teatro III



Figura 8: Sala 104 – PAF-V UFBA, Oficina *Eu e Cada Um*, dinâmica: Hipnotismo Colombiano. Jogos Para Atores e Não Atores – Augusto Boal

Fonte: Acervo Pessoal, 01 de Abril de 2019

3.2 BALBÚRDIA

A mostra cênica que finalizaria a oficina *Eu e Cada Um* foi tomando forma a partir de um compilado de todas as nossas discussões durante os meses que passamos nos encontrando, mas paralelo a isso sabíamos que precisaríamos de um foco para que isso fosse constituído, então escolhemos três poemas de Brecht para trabalhar como texto da mostra final, pois como diz Desgranges (2006, p. 49.) O teatro épico parte da representação de um indivíduo para alcançar toda a comunidade em que ele está inserido. Na mostra não trabalhamos especificamente com o teatro épico, mas procuramos utilizar dos elementos que compõe essa poética para fazer nossa cena. No entanto, posso afirmar que partimos do mesmo

princípio da cena brechtiana para o nosso resultado cênico, ou seja, revelar aos espectadores como social ou cultural o que aparenta ser natural.

Para esta mostra, como para a oficina como um todo receberíamos uma verba da universidade para montagem e necessidades básicas, mas essa verba, que era para sair no início do processo ou no máximo no meio dele veio sair no fim, então para que houvesse uma apresentação digna de finalização de oficina tive que repensar a encenação, que baseado na estética pop art seria bem colorida e jovial. O resultado cênico então ficou no básico e neutro do preto e tentamos trazer as cores em acessórios cênicos que os participantes trariam em suas mãos e assim foi, neutro e com qualidade. O tempo para decidir a mudança foi crucial para o desempenho eficiente da montagem.



Figura 9: Mostra Cênica Balburdia, Teatro Martim Gonçalves.

Fonte: Acervo Pessoal, 15 de Junho de 2019.

Os poemas de Brecht que escolhemos para a mostra foram O Analfabeto Político, Você é um idiota e Intertexto. Durante o período de escolha trabalhamos também com outras propostas de textos, autorais, de outros autores e do próprio Brecht,

mas em conjunto achamos que estes mais adequados em nosso discurso. Nesses poemas, assim como na maioria dos textos do autor, ele procura demonstrar o porquê algumas pessoas estão à margem da sociedade e sobre a discrepância entre as classes, que era o objetivo maior da oficina e também da montagem.

Como todo processo fiz questão que as ideias concretizadas fosse uma decisão em conjunto, no momento de escolher o caminho do roteiro da mostra não foi diferente. Após a escolha dos três poemas que coloquei no parágrafo acima paramos para entendê-los, fomos para a interpretação de cada um dos textos e sobre o que exatamente eles falavam e quem poderíamos atingir quando encenássemos. Após todo esse processo de diálogo sobre os poemas dividimos o texto para que todos os jovens da oficina tivessem um momento na cena, além disso fizemos algumas inserções com falas ditas ou que fizessem referência a atuais governantes do nosso país, fazendo assim, com que nossa crítica fosse compreendida com mais facilidade pelo público¹⁶.

Optamos nesta mostra por utilizar os três poemas na íntegra já que eram de certa forma curtos e o tempo para apresentação também não era tão grande. Os poemas trazidos tem a tradução desconhecida, mas em diversos trabalhos encontrados online podemos ter a certeza de que são de autoria de Brecht em sua versão original, pois sempre são encontrados com os devidos créditos¹⁷.

Durante todo o processo de montagem da mostra foi importante, além de estar atento ao que seria mostrado ao público, que os jovens atores soubessem o que estavam e para quem estavam falando, nesse caso não só para quem estava assistindo, mas também para eles mesmos jovens periféricos, assim, deixando explícito na atuação que são mais esses cidadãos falando para outros do que atores e atrizes, trazendo para o resultado cênico aspectos do teatro épico.

¹⁶ Em anexo imagens dos poemas utilizados que serviram de roteiro para a construção da mostra.

¹⁷ Os poemas e suas autorias foram retirados a partir do endereço eletrônico:

<[felisbertanunes.blogspot.com/2219.html](http://felisbertanunes.blogspot.com/2011/02/2219.html)> e

<www.teatronaescola.com/index.php/biblioteca/downloads-gratuitos/item/download/15_411d0dabf34943796b272c220d94a3a5>

Além de utilizar diversos elementos da poética do teatro épico para a montagem da cena também era meu objetivo trocar com os participantes com os participantes minha vivência enquanto arte-educador. Por este motivo também utilizei na montagem elementos do *Haka*¹⁸, dança bélica de origem Maori, etnia procedente da Polinésia que designa força e unidade muito utilizado hoje em dia por jogadores de diversos esportes e para representar harmonia entre raças e cultura. Para fazer o *Haka* o grupo que a performa utiliza de gritos, tapas, pulos e caretas para representa-la, não há um formato exato de se fazer os movimentos, por isso, na oficina criamos o nosso, baseados nos princípios citados acima.

Eu, enquanto encenador e criador da proposta de oficina tive o desejo de acrescentar a dança na montagem da cena pois como estávamos falando de resistência e no período da oficina vivíamos a ascensão de grupos políticos que tem por objetivo político a opressão das minorias, trouxe através destes movimentos o desejo de mostrar que sim podemos, somos fortes e não desistiríamos, isso falando enquanto comunidade periférica. Costumo apresentar em meus projetos práticos tudo que perpassou por mim em algum momento de minha vivência e de certa forma marcou ou me chamou atenção. Como conhecera o Haka no processo cênico do espetáculo *Avesso*, decidi trazê-lo para a montagem da cena final da oficina enriquecendo assim o trabalho dos jovens participantes da oficina.

¹⁸ Haka é o nome genérico pelo qual é conhecida toda a dança dos Maoris. Foi criada em 1820 pelo chefe Maori Te Rauparaha que junto com uma canção de nome Ka Mate (É a morte) foi escrita após Te Rauparaha conseguir escapar de uma tribo rival. Desde então o Haka é utilizado como sinônimo de força. As informações sobre o Haka estão inseridas no endereço eletrônico < brasil.elpais.com/brasil/2017/10/19/cultura/1508405168_383160.html >



Figura 10: Cena Haka da mostra Balbúrdia. Resultado da oficina Eu e Cada Um.

Fonte: Arquivo pessoal, 15 de Junho de 2019

Ainda embasados por este teor político que trazia o projeto como um todo, oficina, textos utilizados, problemáticas sociais e encenação vem o porquê do nome Balbúrdia. A cena foi assim batizada após o ministro da educação da época afirmar que as universidades federais somente produziam balbúrdia, tendo como isto um mentiroso pretexto de verba para a Educação. Em nossas discussões internas nenhum outro nome seria mais adequado e atual do que este. E pós toda a explanação trazida na prática terminamos a mostra com uma faixa onde se lia “Não estou de luto”, de um lado e do outro “Eu Luto!”. Encerrando assim a cena Eu e Cada Um.



Figura 11: Cena final da mostra Balbúrdia

Fonte: Acervo Pessoal, 15 de Junho de 2019



Figura 12: Cena final da mostra Balbúrdia

Fonte: Acervo Pessoal, 15 de Junho de 2019

4. CONCLUSÃO: OUTRAS PERCEPÇÕES

Lecionar nunca foi uma primeira opção para mim, mas o teatro sempre esteve presente na minha vida. O que me tráz para a licenciatura é justamente esse sentimento de injustiça que se instala dentro de mim quando aparece as dificuldades para se fazer teatro quando mais jovem. Conseguir fazer e levar o pouco do que aprendi para outros é um sentimento difícil de explicar, mas foi baseado nessa vontade que a licenciatura em teatro foi me conquistando, passar por onde passei e ver no rosto de cada jovem a esperança de um novo fazedor de teatro é sempre uma conquista incrível. Escrever esse trabalho de conclusão não é só a minha escrita e relato sobre um projeto, mas parte da história de cada um que passou por ele e me ajudou a construí-lo

Encontrei algumas dificuldades no processo, dificuldades de escrita, dificuldade de planejamento, crises existenciais e medo, muito medo de não conseguir finalizar o projeto, mas a melhor parte desta oficina com certeza foram os meus alunos. Eles fizeram por mim e por eles. Todos eles acreditaram as vezes mais do que eu na potencialidade do nosso trabalho. Em um momento da oficina estive muito doente e foi esse um dos motivos de achar que não iria dar conta, estávamos próximos à estreia e eu tinha medo de não terminar toda a construção da cena e mesmo receoso escolhi pedir para eles mais dias de ensaios, em dias que não tínhamos oficina, prontamente todos aceitaram e aquilo me deu forças para continuar o trabalho. Finalizamos com êxito o nosso desafio e fomos para o palco do Teatro Martim Gonçalves e com muitos aplausos e gritaria levamos a balburdia para todos apreciarem.

Separar a política do teatro que faço sempre esteve fora de cogitação, porque apesar de não termos a cultura que desejamos em termos de investimento ainda assim conseguimos levar informação através de nossos fazeres e por isso é importante se pensar politicamente quando se faz arte. Ruben Alves (1933-2014) diz “Querendo o não é a política que determina a vida de um povo”. Não podemos deixar aquilo que influencia tanto a nossa vida de lado, seja lá o que for, precisamos falar de política em todos os momentos, porque enquanto houver dúvidas e pessoas com má intenção no poder precisamos continuar educando e educando politicamente as pessoas de nosso país, ou melhor, do mundo. Saber, mesmo que seja o básico, sobre política e sobre as suas influencias é o mínimo de sabedoria de uma população.

O Objetivo da educação não é ensinar coisas porque as coisas já estão na internet, estão por todos os lugares, estão nos livros. É ensinar a pensar, criar na criança essa curiosidade.¹⁹ (Rubem Alves)

Minha pesquisa, na prática e na escrita para mim é um ato de resistência é um ato para ser crível. Crer que podemos mudar, é por isso que escolho este teatro, com alfinetadas na sociedade, pedindo através de uma cena que ela acorde que ela resista e que ela viva. Assim como diz Paulo Freire (1921-1997), que ensinar exige a convicção de que a mudança é possível, também trago isso para o teatro, para se fazer teatro seja em cima do palco ou dentro da sala de aula é importante acreditar que cada palavra dita é um sinônimo de mudança, em primeira instância você pode não mudar muita coisa, mas com certeza irá fazer com aquilo de alguma forma estremeça e prevaleça em alguém. Foi com essa convicção que terminei a minha oficina, não mudei o mundo, mas plantei oito sementes que vão germinar por aí. Ter a sensação de dever cumprido é quando você ver seus alunos felizes e vibrando pelo acontecimento através de um relato escrito²⁰ e ler me trouxe lágrimas aos olhos, nada mais importava, apenas saber que ajudei nessa plantação.

Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política constato não para me adaptar, mas para mudar. No próprio mundo físico minha constatação não me leva a impotência. O conhecimento sobre os terremotos desenvolveu toda uma engenharia que nos ajuda a sobreviver a eles. Não podemos elimina-los, mas podemos diminuir os danos que nos causam. Constatando nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela. (FREIRE, 2020, p. 75).

¹⁹ Fala de Rubem Alves em entrevista para a Revista Digital. Fonte:

<http://youtube.com/watch?v=qjyNv42g2XU>

²⁰ Relato de cada participante da oficina Eu e Cada Um sobre o dia da apresentação em anexo.

Para finalizar eu trago apenas as minhas palavras e meu entendimento quanto pessoa para dizer o quanto é importante a gente ter empatia com o outro. Nós lutamos muito para estudarmos, termos um futuro promissor e conseguir viver, mas nada disso vale a pena se você esquece por onde passou. É importante voltarmos a nossas origens sempre, porque as vezes é lá que está uma resposta para o próximo passo de nossa vida, é como a sorte em um jogo de tabuleiro, se você cair na casa errada você tem que voltar algumas para continuar jogando, mas as vezes esse retorno é o que te impulsiona a querer continuar e chegar ao fim. Sendo assim, eu prefiro viver no incentivo do retorno e sempre olhar para trás chegando mais longe sempre.

5. REFERÊNCIA

ALVES, Rubem, **Ensinando Política a Crianças e Adultos** / Rubem Alves – Curitiba: Editora Nossa Cultura, 2009, 22ª Ed.

BOAL, Augusto, **Jogos Para Atores e Não Atores** / Augusto Boal – Rio de Janeiro: Editora: Civilização Brasileira, 2014, 16ª Ed.

BOAL, Augusto, **O Arco-Íris do Desejo: o método boal de teatro e terapia** / Augusto Boal – Rio de Janeiro: Editora: Civilização Brasileira, 1996.

BOAL, Augusto, **Teatro do Oprimido e Outras Poéticas políticas** / Posfácio de Julian Boal - São Paulo: Editora 34, 2019, 1ª Ed.

DESGRANGES, Flávio. **A pedagogia do teatro: provocação e dialogismo** / Flávio Desgranges - São Paulo: Editora Hucitec: Edições Mandacaru, 2006.

DOURADO, Paulo e MILET, Maria Eugenia. **Manual da Criatividade** / Paulo Dourado e Maria Eugênia Milet – Salvador: FUNCEB, 1997.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia do Oprimido**/Paulo Freire – Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2020, 73ª Ed.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire - Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2020, 63ª Ed.

KRISHNAMURTI, Jiddu, **O Que Você Está Fazendo Com a Sua Vida? Passagens Seleccionadas Sobre Grandes Questões Que Nos Afligem** / Jiddu Krishnamurti – Editora Nova Era.

KOUDELA, Ingrid, **Texto e Jogo: uma didática brechtiana** / Ingrid Dormien Koudela – São Paulo: Editora Perspectiva, 2010, 1ª Ed.

KOUDELA, Ingrid, Brecht, um jogo de aprendizagem / Ingrid Dormien Koudela – São Paulo: Editora Perspectiva, 2010, 2ª Ed. (Coleção Estudos)

MACHADO, M. M, **O Diário de Bordo Como Ferramenta Fenomenológica Para o Pesquisador em Artes Cênicas** / Marina Marcondes Machado. - 2020 Sala Preta, 2, 260-263. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v2i0p260-263>

MENEGAZ, Wellington, **Teatro com Adolescentes: dentro e fora da escola** / Wellington Menegaz – Editora Prismas, 2016, 1ª Ed. (Coleção Artes da Cena – Atuação e Ensino)

SPOLIN, Viola, **Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin** / Viola Spolin ; tradução de Ingrid Dormien Koudela – São Paulo: Editora Perspectiva, 2014, 3ª Ed.

SPOLIN, Viola, **Jogos teatrais na sala de aula: Um manual para o professor** / Viola Spolin – São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

6. ANEXOS

6.1 PROJETO ESTÁGIO III

1. INTRODUÇÃO/APRESENTAÇÃO

O estágio a ser desenvolvido por Sidnaldo Lopes dos Santos, educando do sétimo semestre do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal da Bahia, é uma das práticas complementares do Componente Curricular TEAA36 - Prática de Estágio em Pedagogia do Teatro III, sob orientação do educador Fabio Dal Gallo.

Esta experiência prática trata-se de uma oficina ministradas para uma turma de jovens e adolescentes com uma única proposta, trazer à tona discussões sobre questões sociais e política a partir de elementos teatrais como jogos e improvisações propostos anteriormente por teatrólogos como Viola Spolin e Augusto Boal. A oficina aberta ao público (Jovens e Adolescentes) será ministrada na sala 104 do PAF V nas dependências da Universidade Federal da Bahia às segundas feiras na parte da tarde (14:00h às 17:00h).

O teatro muitas vezes é desvalorizado pela maior parte da nova geração e através desta oficina será possível mostrar que poderemos discutir temas de muita importância, não só para a construção quanto indivíduo, mas também para a formação de uma sociedade como um todo através de práticas teatrais.

É importante tratar com ludicidade alguns assuntos que muitas vezes não são levados a sério por esses seres jovens, não por que não se interessam por aquilo, mas por que muitas das vezes não entendem o que está sendo exposto e por isso quando são obrigados a lidar com eles, na fase adulta, continuam ignorantes no assunto. Também através destes temas principais será possível tratar de temas transversais, mas não menos importantes, como homofobia, racismo e pré-conceito.

2.OBJETIVOS

Geral

Tornar possível através de práticas teatrais seres questionadores nos quesitos política e minoria.

Específicos

- Proporcionar o contato de jovens com a ludicidade teatral;
- Potencializar o respeito às diferenças, a concentração e a consciência nas relações interpessoais dos educandos;
- Incentivar discussões sobre assuntos atuais;
- Incentivar os jovens a serem seres pensadores.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Cada dia mais o brasileiro está regredindo na sua maneira de ver o certo ou errado, ou talvez estejamos em um período de expurgar o que estava dentro de nós e visto como incorreto anteriormente em um período nacional que era inadequado falar o que se pensava.

De uns anos para cá cada um teve seu tempo de libertar o seu certo e o seu errado, os negros, os índios, os gays e agora outros defendem a sua verdade sem olhar ou olhando e menosprezando aqueles que já lutaram. Será que defender a sua verdade faz com que exclua/anule a verdade do outro? Vale a pena só pensar em você? Em uma sociedade miscigenada como o Brasil ou em qualquer outra é importante que a sua luta some e não diminua uma outra que já vem sendo lutada.

Pensando na diversidade disposta na nossa cidade a oficina que será ministrada vem para fazer os jovens pensar sobre essas diferenças a partir do teatro, como respeitar a história do outro e fazer com que essas histórias se cruzem no decorrer dos encontros para que em um futuro quando precisarem lidar com a sabedoria lembrem desse momento da vida e tomem a decisão que mais se adequem positivamente a realidade vivida/escolhida.

Acredito que a troca, a conversa seja a maior forma de conhecimento de base para tornar uma sociedade melhor e é nisso que aposto para fazer com que esses seres humanos pensantes sejam recompensados por eles mesmos no pós aula ou anos depois da vivência, afinal a prática não termina quando a aula termina, a aula acrescenta no conhecimento que ficará por uma vida.

Agora estão me levando
Mas já é tarde.
Como eu não me importei com ninguém
Ninguém se importa comigo. (Bertolt Brecht)

Bertolt Brecht, um dos grandes pensadores do teatro e que fazia questão em suas obras de mostrar a realidade através de textos não muito difíceis de serem associados a realidade vivida em sua época na Alemanha, no Brasil hoje, século XXI vemos em seu texto mais uma vez e infelizmente grandes possibilidades de associação. E é justamente por isso que temos que tratar desses assuntos em oficinas e em aulas de teatro ou qualquer outra que seja e caiba. Nós somos responsáveis pelos próximos pensadores, somos responsáveis pela geração futura.

4. ABORDAGEM METODOLÓGICA

Para desenvolver este projeto com êxito durante o período total da oficina será adotada em sua maioria a abordagem prática sempre com o intuito de acrescentar ao jovem.

A proposta será ter encontros semanais nas segundas feiras e em algumas terças feiras no primeiro mês de aula totalizando 16 encontros com 3h/cada (14h às 17h) no PAF V em ondina. O processo terá como finalização um resultado prático de 15 minutos montado a partir de improvisações que surjam em sala a ser apresentado no dia 15 de junho no Teatro Martim Gonçalves.

Para o andamento deste processo as aulas serão montadas a partir de improvisações e jogos com provocações de objetos ou frases tidas como atuais e através de exercícios de Viola Spolin e Augusto Boal, além de outras atividades que em sala que aconteçam tendo como ponto de partida essas provocações.

Eu enquanto artista e arte-educador, para criar a minha concepção do fazer teatral tive a oportunidade de fazer parte de várias vivências teatrais e é assim que acabamos criando a nossa própria bagagem e nos torna um ser individual. É através dessa bagagem que somo a esta oficina, com as minhas práticas somadas as vivências de cada um dos escritos idealizaremos um fazer teatral nosso. A principio a idéia é que tenha jovens de

várias partes de Salvador, com histórias diferentes, que sejam de comunidades diferentes para haver uma troca entre os participantes e improvisarmos a partir do que é familiar para eles.

6.2 RELATO DOS PARTICIPANTES DA OFICINA EU E CADA UM

Maílon dos Santos Cardoso = 17/06/19

A representação da mesa amostra ocorreu no sábado (15/06) e contou com a participação de vários outros grupos. Ao chegarmos no local, teatro localizado na Escola de Teatro da UFBA, fomos direcionados para uma sala para discutirmos alguns preparativos e fazermos um lanche. Após todos terem se instalados, fomos experimentar o espaço que irão representar.

Chegando lá, Sidraldo nos orientou para as posições que iríamos ocupar, nessa ordem de entrada e os procedimentos para que pudéssemos nos locomover adequadamente.

Em seguida, fomos ao camarim esperar nesse momento de entrada. Lá, repassamos as nossas falas, bem como discutimos os procedimentos da apresentação. Depois de fazermos isso, nos abocamos em alguns momentos para assistirmos a apresentação dos outros participantes.

Logo, ao chegar nossa vez nos posicionamos em nossos lugares e começamos a mostra. O primeiro momento, o texto de Idiota - eu estava tranquilo e conseguimos executar tanto a animação para quanto os movimentos direcionados as falas. No segundo momento, apresentar o texto de analfabeta político, a entrada para esse momento teve alguns erros, mas ocorreu tudo como esperado, apenas com uma falha técnica dos atores de cenário.

Para terminar, completamos com o texto "intelecto", dando prioridade para o "HAKA", movimento rito de preparação à guerra. As luzes se apagaram logo que terminamos e apresentamos uma faixa escrita "NÃO ESTOU DE LUTO", "EU LUTO". Agradecemos, fomos aplaudidos e saímos para dar lugar a outros grupos.

Comigo, a experiência foi fenomenal, principalmente engra-
do compartilhava com meus amigos os momentos de ansie-
dade e cuidado. Foi fenomenal estar com todos e espera-
mos ver em outros momentos para compartilhar meus
outros bons momentos.

Leonardo Santana

Dia 17

E chegou o dia da apresentação, foi muito emocionante para mim, minha primeira vez no palco, chegamos e logo fomos para a sala, trocar a roupa, nós fomos a 20ª equipe se apresentar, a minha amiga não ficou muito ansiosa toda hora ela andava de um lado para outro, eu briguei com a minha perna porque eu queria dar uma dica sobre a peça mas logo a gente se resolveu, mas quando chegou a minha hora de entrar no palco deu um nervoso mas correu tudo bem, pensei que eu ia esquecer as falas, mas correu tudo bem, fomos na sala rezeando, ganhei vídeos de amigos, comemos, depois tiramos muitas fotos e correu tudo bem.

* Bianca Mota - 17/06

- Eu já estava ~~um~~ nervosa desde o dia anterior, mal consegui dormir. Toda a minha família ia assistir e isso ~~também~~ me deixou ansiosa. Enfim chegou o grande dia, a gente se juntou em abril e se reuniu toda segunda e terça para aquele momento. Não era a minha primeira vez no palco mas já fazia um tempo que não me apresentava.

- Cheguei um pouco ~~de~~ atrasada mas no final deu certo, conseguimos ver o palco antes da apresentação e depois seguimos para nos arrumar. Nos arrumamos e deixamos para o palco.

- Ficamos na cozinha e usamos o comarum, esperando a nossa vez. Foram 9 apresentações antes das da nossa e eu não consegui prestar ~~a~~ atenção pois estava muito agitada. Fiquei dançando e pulando na cozinha para estivar!

- Enfim chegou a nossa hora e eu era a primeira! Quando eu entei tudo passou! O nervosismo, a ansiedade, a tensão, tudo passou e a peça fluiu. Na verdade, o show foi rápido demais! Senti uma falta, um vazio depois que acabamos.

- Foi uma experiência maravilhosa e única! ~~Desde~~ Desde os exercícios teatrais, ~~de~~ de o primeiro e os encontros pós-eficaz! Quero de novo!

Luziane Paixão 17/06

No dia da oficina nós ficamos tensos, porque não conseguimos chegar a tempo de fazer o ensaio, porém marcamos os lugares no palco e marcamos onde ia ficar os objetos para cena final.

Quando começou as apresentações alguns quiseram ensaiar e outros assistir, porém entramos em um acordo de ensaiar. Estávamos muito nervosos e acabou tendo um atrito entre o grupo, creio que isso seja normal ~~o~~ pré apresentações. Depois que passamos as falas fomos assistir a outras mostras, foi o momento em que ficamos sentados juntos e eu pude sentir um pouco de confiança em todos. Na hora da nossa mostra tava todo mundo nervoso, mas depois que Bianca entrou as coisas fluíram, claro que ficamos com medo de errar, mas eu acho que todos deram o seu melhor, foi uma experiência maravilhosa eu senti confiança deles para me sentir a vontade para ser eu mesma e fazer aquilo que ensaiei.

Renato Serqueira

17/00

A amostra do sábado deixou o grupo dividido, entre ansiosos e calmos. Após a presença de todos, fomos fazer o reconhecimento do palco. O local estava muito agitado, devido os outros turmas. Voltamos para a sala so e alguns terminaram de se arrumar, para em seguida irmos para o camarim.

Deu-se início as apresentações, primeiro com a apresentação infantil e em seguida os alunos dos oficinas, com uma amostra artística de idosos no meio. Fomos os primeiros a apresentar, porém não deixamos de apreciar os outros grupos. Quando iniciamos nossa performance surpreendemos o público com os monodramas em especial os de Bianca e Verônica em seguida atuamos em cima dos textos: o idiota e o alfabeto político (que arrancou palmas e gritos inesperados da plateia), intertexto e por fim (o mais estranho de todos) fidelmos e Haka, que é um grito de guerra para assustar os inimigos.

Claro que houveram alguns pequenos falhos, como esquecer método de fala, chegar a um determinado ponto antes do tempo ou atrasado e não realizar ações, porém foi tudo lindo e não nos prejudicou. [XX]

Juan Rocha 17/06/2019

Sábado foi um dia realizado pois eu apresentei no teatro
Martina Gonçalves, um lugar que costumava ir para assistir
a apresentação de outras pessoas e dessa vez eu estive em
cima do palco e está do outro lado foi uma das sensa-
ções mais incríveis da minha vida, é uma mistura
de felicidade e amor, cada momento foi emocionante desde o
começo até o fim.

Eu aprendi muito nesse dia, tudo que aconteceu me ensinou
muito. Pode observar tudo o que aconteceu com as pessoas de
meu grupo de outros também, tinha coisas que eram diferentes e
outras que eram muito iguais.

Só sei dizer que valeu muito.

Jaruzo Ivo - 17/06)

Recebido no teatro com uma sacola com lincoitos
cheados, melancia, maçã e um bolo (ou pão?)
e queijo, que angústia não poder abrir e
comer aquilo desesperadamente - mas o café da manhã
é um excelente presente do professor (XD)

No palco, uma rápida passagem de quais seriam
essas posições. No camarim, passagem de muitas risa-
das e avisos de silêncio - mas como era difícil
entê-las.

À medida que se aproximava a nossa hora, obser-
vava a ~~ansiedade~~ ansiedade tomar conta de uma colega,
que extravasava com barradas e descidas até o
pão no meio ~~de~~ à escuridão dos bastidores.

Munido de um atirador de confetes, entrei no
palco com uma relativa calma, o que acho im-
brígante! Experiência coletiva e individual marcantes -
e só não posso dizer que excelente por ter
esquecido de acionar o maldito atirador!

Cricket Joció

17/06

Nos reunimos na porta do Teatro Martin Gonalves, depois aproveitamos para conhecer o espaço do palco. Entendi como iríamos nos posicionar e Sr. Guardamos nossa coisa, trocamos de roupa e começamos a entender que a hora do espetáculo teve chegando e não nos deixamos mudar. Fomos para o camarim ~~o~~ onde outros grupos também ~~se~~ preparavam. Nesse momento resolvemos refazer o texto e não nos deixamos mais mudar. Por um momento quase viramos. Nos agarramos ~~na~~ espera no camarim e fomos para coxia. Omitir os outros ~~de~~ espetáculos. Quando chegou nossa hora, parecia que eu estava em outro plano e quando vi, já era a minha vez de entrar no palco. A sensação que eu tinha era de que o tempo estava indo ~~o~~ rápido demais, parecia que o tempo tinha acelerado. A luz me cegou mas eu consegui sentir a energia do público. Foi muito legal ~~o~~ ~~o~~ Nessa ocasião deles em certos momentos do ensaio. Terminamos a apresentação mas eu de leve cumpido, apesar de ~~o~~ ter tido pontos de conseguir certos detalhes que não consegui preencher. ~~o~~

